

PATRIMONIALIZAÇÃO DA CHAPADA DOS NEGROS: ATORES E PROCESSOS EM ARRAIAS-TO

PATRIMONIALIZATION OF CHAPADA DOS NEGROS: ACTORS AND PROCESSES IN ARRAIAS/TO

Rosângila Domingos Gualberto 1
Dernival Venâncio Ramos Júnior 2

Mestra em Estudos de Cultura e Território - PPGCult, Universidade Federal do Tocantins (UFT); Graduada em Pedagogia (Licenciatura), Universidade Federal do Tocantins (UFT). Atua nos temas da Educação, Cultura, Narrativas Oraís, Memória, Capoeira, Manifestações Culturais e História e Cultura Afrobrasileira. E-mail: rosangilagualberto@yahoo.com.br

Possui graduação em História pela Universidade Federal de Goiás (2002), mestrado em História pela Universidade Federal de Goiás (2004) e doutorado em História pela Universidade de Brasília (2009). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal do Tocantins. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Contemporânea da América Latina e Caribe, atuando nos seguintes temas: literatura e história, oralidade e cultura escrita. E-mail: dernivaljunior@gmail.com

Resumo: Esse trabalho tem por objetivo analisar o processo de patrimonialização da Chapada dos Negros no município de Arraias-TO. Diante das ameaças que vem sofrendo as ruínas da Chapada dos Negros e seu entorno por parte de projetos de mineração, os moradores deram início a mobilizações, reivindicando o seu tombamento como patrimônio histórico. O artigo descreve a mobilização em prol da abertura do processo de patrimonialização, ainda em curso, e evidencia a partir da análise desse processo, quando nos ancoramos na definição de território de Haesbaert (2006), Little (2002) e Choay (2006), que a patrimonialização se tornou uma das principais estratégias de defesa política da Chapada, que é parte significativa do território arraiano.

Palavras-chave: Chapada dos Negros. Memória. Defesa Territorial. Patrimonialização.

Abstract: This work aims to analyze the process for doing Chapada dos Negros a cultural patrimony, located in Arraias-TO. In face of the threats of the ruins of the Chapada dos Negros and its surroundings by mining projects, the villagers began mobilizations, claiming for it a registration as historical patrimony. The article describes the mobilization for the opening of the process for making it a cultural patrimony, in order to be protected and preserved from destruction. The process is still in progress. Since the analysis of this process, this work is based on the definition of territory by Haesbaert (2006), Little (2002) and Choay (2006). Based on them, making Chapada dos Negros a cultural patrimony has become one of the main strategies of political defense of it.

Keywords: Chapada dos Negros. Memory. Territorial Defense. Patrimonialization.

Introdução

Esse trabalho descreve e analisa o processo de patrimonialização¹ da Chapada dos Negros, em Arraias-TO. O mesmo aborda os processos, atores e as mobilizações que buscam o tombamento do local de patrimônio histórico e cultural como uma estratégia de defesa territorial.

O município de Arraias foi fundado no século XVIII por bandeirantes, com o arraial da Chapada dos Negros por volta de 1731, nas proximidades de minas de ouro. O local foi o primeiro assentamento colonial na região e, hoje - está distante 3 quilômetros da sede do município - existe ali um sítio arqueológico com os vestígios do antigo garimpo construído por africanos escravizados.

A luta pela patrimonialização da Chapada dos Negros e do conjunto arquitetônico da cidade de Arraias não é recente, mas adquiriu novos significados a partir de 2010. A Itafós Mineração LTDA iniciou trabalhos na região buscando extrair fosfato e outros minérios. O espaço da Chapada dos Negros, localizada na serra, próximo à instalação dessa mineradora se tornou uma das áreas ameaçadas pelo empreendimento. Do mesmo modo, o córrego que abastece a cidade seria comprometido. Os impactos, se o projeto de mineração continuasse seriam patrimonial e ambiental, pelo efeito que poderiam exercer sobre as ruínas da Chapada e sobre os veios de água que abastecem a cidade e que vem da mesma serra. Nesse contexto, a patrimonialização se tornou a base de um movimento de defesa territorial.

A discussão sobre patrimônio, segundo Choay (2006), é antiga e por um período foi ligada às estruturas familiares. Com o passar do tempo, monumentos históricos, como ocorreu durante a Revolução Francesa no século XVIII, foram alegados como patrimônio e herança de todos. O patrimônio passou, assim, a ser entendido como um conjunto de bens relacionados com a identidade, a cultura ou o passado de um grupo enraizado no espaço e no tempo.

Nolasco (2013), por outro lado, afirma que para entendermos o patrimônio cultural é necessário considerar que somos produtores de cultura e que nos expressamos cada um à sua maneira. Isso implica afirmar que as formas de nos expressarmos constituem a nossa cultura, que com as interações no mundo elas também vão se transformando num processo dinâmico de significação, e assim, sentimos pertencentes a um grupo social e construímos a nossa identidade cultural. Para o autor, a produção humana da cultura é entendida como patrimônio cultural.

A articulação entre patrimônio e território se dá pela mediação que a memória, como parte da cultura, oferece. O território, segundo Haesbaert (2006), compõe-se de diversas dimensões: a econômica, a política, a ambiental e a simbólica. Nesta está a última dimensão, a memória, mesmo sendo “seletiva”, pois “nem tudo fica gravado nem tudo fica registrado” (POLLAK, 1992, p. 203), é parte fundamental da constituição da identidade territorial de um grupo. Dessa forma, a memória é importante para a existência, preservação e fortalecimento de um grupo ou nação, sendo constituinte do processo de construção do efeito de pertencimento (ANDERSON, 2008). Por meio da memória, reconhecemos e diferenciamos uma identidade cultural e territorial.

Nesse sentido, defender a Chapada dos Negros em Arraias-TO via processo de patrimonialização do lugar conecta uma política da memória com uma política do território.

O trabalho está organizado em duas seções, primeiro traz um breve histórico do lugar; e logo após, uma discussão sobre a estratégia de defesa territorial dos moradores em torno à tentativa de tombamento do local, devido a chegada de novos projetos mineiros na região no ano de 2010. É importante destacar que as entrevistas das pessoas contidas no texto foram gravadas e autorizadas através do Termo de Concessão de Direitos, e algumas foram autorizadas pelo áudio no decorrer das entrevistas.

1 Ação ou decorrência de tornar um bem como patrimônio cultural e social por meio da pesquisa, salvaguarda e amparo.

Breve contextualização histórica do lugar

O município de Arraias possui uma população de 10.645 mil habitantes. É composta em sua maior parte por negros, sendo que 88,51% da população são pretos e pardos (IBGE, 2010). Ela foi fundada no século XVIII no contexto da busca pela exploração aurífera. Essa história e sua articulação ao comércio de escravos da África para o Brasil ajudam a entender a composição etnicorracial da população.

Para Apolinário (2007), foi o período da diáspora negra-africana, em que foram trazidos muitos africanos e africanas à força para a colônia para trabalharem na condição de escravos. Levados às diversas regiões brasileiras para lidarem principalmente com a produção da cana-de-açúcar por meio das atividades de engenhos, na mineração do ouro e de outros minérios e em trabalhos domésticos. Por volta do ano de 1731, o arraial no lugar hoje conhecido como Chapada dos Negros foi fundado. A descoberta e extração do ouro fez com que houvesse os primeiros habitantes.

Arraias foi povoada por afrodescendentes e africanos que eram escravizados no processo de mineração, porém, também foi habitada por outros grupos étnicos, como os akroás, Xakriabá, Xavante, Xerente, Krahô, Apinayé, Javaé, Xambioá e Karajá, como constam nos estudos de Apolinário (2006 e 2007). No entanto, muitas maldades foram praticadas por meio da catequização, fazendo com que muitos povos indígenas, nações numerosas no local desaparecessem (TESKE, 2010).

De acordo com Apolinário (2007), por volta de 1740, com a descoberta de ouro e riqueza, muitos exploradores foram atraídos para a localidade, como é o caso do governador da província de São Paulo, D. Luís de Mascarenhas. O governador visitou aquela região na época tomando posse das minas auríferas, implantando a capitânia de Goiás para oficializar os povoados que surgiam. Juntamente com o capitão Felipe Antônio Cardoso e de muitos escravos, transferiu a sede do arraial da Chapada dos Negros para o local onde, hoje, fica a cidade de Arraias.

Naquele momento, não se extinguiu totalmente as atividades de mineração, pois, ainda prosseguiu se desenvolvendo em torno da exploração aurífera. Não há registro historiográfico sobre a vistoria às minas em Goiás de D. Luís de Mascarenhas, porém, sabe-se que o governador ordenou a sede do arraial para o local que hoje é a cidade de Arraias de forma improvisada e de características irregulares, iniciando-se um novo núcleo urbano.

Atualmente, essas terras onde se encontra a Chapada dos Negros são de propriedade privada de um ex-deputado federal do Estado do Paraná. O local possui uma fazenda sede de nome Fazenda Guanabara com a existência de um administrador de nome Valdemir Nascimento Maranhão.

A Chapada dos Negros está situada na serra na área rural do município, onde foi o início da cidade. Segundo Laurentina Gonçalves Souza, moradora de Arraias, de 90 anos de idade, lúcida e de uma boa memória *“Arraias era pra ser lá, mas a água diminuiu lá né aí eles vieram fazer garimpo aqui, num deu mais pra eles garimpar lá veio garimpar aqui e aqui formou a cidade.”* (Entrevista oral realizada com Laurentina Gonçalves Souza em 07 de outubro de 2016). Francisco Carvalho na sala de sua casa apontando para o lado de fora complementa que *“a razão foi essa, tanto que isso aqui era um brejo toda essa praça aqui isso era um buritizal construíram a cidade aqui e não lá onde tinha os senhores de escravos”.* (Entrevista oral realizada com Francisco Carvalho em 07 de outubro de 2016).

Os escritos de Costa (2004) sobre *Educação e Cultura de Arraias* relatam que a Chapada dos Negros no início era denominada de Boqueirão dos Tapuios, pelo fato desse local antes ser usado por povos indígenas para descansarem quando faziam a viagem do Estado da Bahia para a cidade de Dianópolis - TO. No entanto, sabe-se que, com a descoberta de ouro e outros minérios e com a chegada de escravos para trabalharem na mineração, aquela região se tornou um rico garimpo aurífero.

Atualmente, é possível encontrar algumas ruínas, como o buraco do testa (figura 1), são dois buracos lado a lado em que, segundo relatos, consistia no local onde o ouro era extraído, e a casa do ouro (figura 2) que seria o local onde o ouro era guardado pelos senhores, e outras ruínas remanescentes do período colonial. Além dos vestígios mate-

riais, existem as memórias repassadas pelas narrativas orais dos moradores do município. Esporadicamente, o local recebe visitas turísticas.

Na Chapada dos Negros, depois do fim da mineração e da extração do ouro, muitos moradores juntamente com outros fiscadores² realizavam ainda a garimpagem no local a fim de encontrar vestígios de ouro. Laurentina Gonçalves Souza, com sua boa memória, lembra que “*eu garimpei lá... tem tempo...foi pouco tempo o garimpo já tinha acabado já né...só faisquinha, faisquinha [...]. Foi por aí entre 60 e 70*”. (Entrevista oral realizada com Laurentina Gonçalves Souza em 07 de outubro de 2016).

Figura 1: Buraco do testa



Foto: Gualberto, 2016.

Joaquim Ribeiro dos Santos, morador de Arraias, de 65 anos de idade, ex-guia na Chapada dos Negros, também exerceu a função de garimpeiro no local. Ele relata que:

Um dia eu fui garimpar lá tirei uma pedra com 30 grama, uns 15 ano mais o meno. Aí eu larguei o garimpo pra lá. Mas eu tirei uma pedra lá desse tamanho, só que era cheia de pedra dentro né, mas deu 30 grama, naquele tempo era barato 70 reais a grama mas deu um dinheirinho. [...] Lá o minino arranhou uma chave lá desse tamanho tava acabada mas ainda tem ela. [...] Eu ranjei um pedaço de... negócio de ispingarda desse tamanho lá também [...] é daquele tempo, coisa veia, coisa tudo mal feito, teve um filho meu que ranjou um cachimbão assim... eu acho que era dos negro fumar, né, fica lá toda vida só que o cachimbo tava podre ele pegou ele quebrou, era de barro. (Entrevista oral realizada com Joaquim Ribeiro dos Santos em 20 de julho de 2016).

Diante dessas narrativas, percebe-se que o local prevaleceu durante muito tempo uma terra sem ninguém e que as pessoas tinham a liberdade de garimparem, uns encontravam o sonhado ouro e outros não, e muitos também encontravam vestígios e objetos pertencentes aos ancestrais. Atualmente, no local ainda persiste a visita de garimpeiros pela procura de ouro e de outros minérios. Durante a pesquisa foi possível encontrar vestígios de fiscadores no local, como: barracas, estradas, pegadas e escavações recentes.

² Indivíduo que procura faíscas de ouro em minas já exploradas.

Figura 2: Casa do ouro



Foto: Gualberto, 2016.

A Chapada se enquadraria como patrimônio, pois ali se encontram vestígios de um sítio arqueológico relacionados aos bens materiais históricos e culturais, tanto representados pela materialidade das “ruínas”, quanto materializados com as narrativas dos moradores sobre o lugar. Pois, “o patrimônio cultural de uma sociedade ou de uma região ou de uma nação é bastante diversificado, sofrendo permanentemente alterações, [...]” (LEMOS, 2006, p. 21). O patrimônio cultural, em sua materialidade simbólica ou física, está conectado às diversas marcas de eventos ocorridos, assim como as memórias desses eventos e os significados históricos de seu acontecimento.

Na cidade de Arraias existe um painel histórico (figura 3) que está situado na praça denominada Praça da Matriz, em frente à Igreja Nossa Senhora dos Remédios, padroeira da cidade. Não se sabe ao certo o ano e a data em que a pintura foi feita, porém, segundo relatos de alguns moradores, foi pintado entre os anos de 1967 e 1968, por uma moradora de família tradicional de nome Guilhermina, conhecida por “Samina”.

Este painel é importante, pois, representa dois períodos da história de Arraias, sendo a mineração, em 1735, com o ‘ciclo’ do ouro e a pecuária, em 1800, com o ‘ciclo’ da criação de gado. O interessante desta pintura, é que do lado de trás da mesma existe outra pintura semelhante, e que corresponde à continuação da outra da frente. O painel é uma forma de a cidade preservar e louvar as suas origens e a memória local.

Figura 3: Painel histórico de Arraias.



Foto: Gualberto, 2016.

Na arqueologia da paisagem na Chapada dos Negros não existem mais os primeiros povoados, mas existe a memória, compreendida por meio das diversas narrativas de seus descendentes que a constitui em espaço significativo. Os vestígios do lugar, conhecidos por muitas pessoas, constituem o seu patrimônio histórico e cultural, os moradores revelam vínculos simbólicos e afetivos que fortalecem as suas identidades e as suas memórias.

Estratégia de defesa territorial: os atores e o processo

A Chapada dos Negros, lugar de memória importante para a população da cidade, adquiriu novos significados a partir da chegada de empresas, a Itafós Mineração LTDA, em 2010, buscando extrair fosfato e outros minérios na área do município. No espaço da Chapada dos Negros, localizada na serra, próximo à instalação dessa mineradora se tornou uma das áreas ameaçada pelo empreendimento. Os impactos, se o projeto de mineração continuasse seriam patrimonial e ambiental, pelo efeito que poderiam exercer sobre as ruínas da Chapada e sobre os veios de água que abastecem a cidade e que vem da mesma serra.

Para problematizar essa questão adotamos a proposição de Haesbaert (2006). Para ele, o território assume três dimensões:

Política (referida às relações espaço-poder em geral) ou jurídico-política (relativa também à todas as relações espaço-poder institucionalizadas): a mais difundida, onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes – mas não exclusivamente – relacionado ao poder político do Estado. Cultural (muitas vezes culturalista) ou simbólico-cultural: prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido. Econômica (muitas vezes economicista): menos difundida, enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas, o território como fonte de recursos e/ou incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho, como produto da divisão “territorial” do trabalho, por exemplo. (HAESBAERT, 2006, p. 40).

Compreendemos que o território é definido pelo contexto histórico inserido e por meio de suas relações sociais ou culturais. Implica uma proporção política, simbólica, cultural e econômica em que os grupos sociais atribuem uma identidade territorial sobre o espaço onde vivem de uma forma que o pertencimento à aquele território envolve a representação das identidades culturais desses sujeitos.

Para Little (2002), as estratégias de defesa territorial significam exemplos de importância do lugar e de uma relação com o espaço físico determinado. As condutas territoriais criam um espaço político próprio, no qual a luta por categorias territoriais vira um local privilegiado de disputa.

O município de Arraias, situado historicamente em um território rico de mineração, como a história da Chapada dos Negros evidencia, desperta, no mundo atual, interesse e curiosidade de aventureiros, e também nos dias atuais, empresas que se dedicam a mineração têm trabalhado na extração de minérios, no espaço próximo da Chapada.

Exemplo disso é a narrativa de Valdemir Nascimento Maranhão, que trabalha na Fazenda Guanabara, dentro da qual está a Chapada, e que narra o motivo do seu padrão interessar por essas terras:

O fazendeiro comprou isso aqui com a intenção de minerar mesmo, aí se deparou com a história da cidade aqui dentro uma série de coisa que... que implica né, e aí ele desistiu de

uma vez por toda. Não se fala mais em minerar isso aqui. [...] Porque a intenção aqui era essa, era montar uma planta de mineração, lógico fora da chapada dos negros né, que onde tem menos minério aqui [...]. Porque o foco maior do minério aqui tá lá da onde o penhaço que nós paramos tá 2 km pra frente aí. A história da cidade ia continuar do mesmo jeitinho que tá ali num ia ser atingido em nada ali. Mas aí era muito caro, os estudos que foram feito pra ver se liberava pra minerar ou não, é muito caro, só a empresa de arqueologia aqui, cinco anos atrás ela pediu 450 mil reais pra fazer o trabalho e ainda assim ainda falô, não quer dizer que depois desse trabalho concluído o IPHAN vai liberar não ele vai pra lá pra ser estudado pra ver se libera ou não, aí diante de tanta dificuldade ele acabou desmotivado.(Entrevista oral realizada com Valdemir Nascimento Maranhão em 06 de outubro de 2016).

A região ainda atrai empreendedores, como o proprietário da fazenda, que por meio da procura por minérios se aproximou da região com a intenção de garimpar. A esses pequenos empreendedores, se somam dois grandes projetos de mineração em 2010, colocando em risco os vestígios da Chapada dos Negros, e levando a que se desenvolvessem uma nova comoção em torno da memória da Chapada. Esse evento foi o gatilho que deu início a luta por torná-la patrimônio material nacional. Entendemos esse movimento de patrimonialização como uma estratégia de defesa territorial.

Em Arraias existem, contudo, há algum tempo, atores sociais que buscam a proteção visando à patrimonialização da Chapada dos Negros. Devido à ausência de preservação do lugar esses atores sociais adotaram medidas de preservação, que de acordo com esses grupos a Chapada dos Negros é o início da história e da memória da cidade, e por esse motivo necessita que seja adotado algum tipo de preservação.

Dentre esses atores está a Associação Cultural Chapada dos Negros (ACCN) com a resistência cultural na Chapada dos Negros, é um grupo de capoeira e uma instituição filantrópica criada pelo ex-policial militar José Reginaldo Ferreira de Moura, codinome Mestre Fumaça, em 1984, na cidade de Arraias – TO.

José Reginaldo Ferreira de Moura narra o motivo de o grupo levar o nome da Chapada dos Negros:

Eu morando em Arraias, nascido em Arraias no sertão de Arraias, sempre discriminado, sempre visto como um bicho do mato [...] e cunheci a verdadeira história minha através da capoeira, eu fui cunhecer minha identidade foi quando eu cunheci a história da capoeira. E a chapada dos negros veio a calhar assim pra mim pôder colocar o nome nas camiseta pra provocar o nome daquele local como patrimônio histórico e cultural, pra fortalecer a raiz da capoeira a minha raiz e a história de Arraias né do negro em relação ao negro, a escravidão e a capoeira, aquele envolvimento, que eu sei que em... em anos num sei em que anos que foram mais aconteceu com certeza houve uma manifestação de capoeira na chapada dos negros em relação aos negro que teve e os escravos. (Entrevista oral realizada com José Reginaldo Ferreira de Moura em 23 de março de 2016).

José Reginaldo Ferreira de Moura narra o significado da Chapada dos Negros para ele como homem negro e mestre de capoeira:

Pra mim, primeiro, acredito que é minha raiz, né, a minha raiz de onde eu vim, né, aquele povo que chegaram por ali também, é... meus familiares e onde existiu também as culturas do Brasil, todas as cultura do negro, existiu a capoeira, então, algum daqueles negros, a gente não tem história assim, não temos nenhum conto de um capoeirista e tal, algum conto, mais a capoeira, ela foi nascida na ânsia da liberdade quando o negro tava querendo ser liberto, então aí nasceu a capoeira, e eu como um mestre de capoeira [...] a gente difundi essa arte, essa modalidade aqui, é... eu vi na chapada dos negros o nosso sub refúgio né, e também a preservação de nossa cultura. [...]. Eu acredito que a chapada dos negros hoje no estado do Tocantins ela representa pra nós capoeirista Quilombo de Palmares. Só que Quilombo de Palmares era um lugar onde era livre, aqui não, o negro era oprimido era colocado pra trabaíá na marra na corrente tudo no tronco e tal, mais é... são lembranças que nós temos de nossos ancestrais são essas e eu acho que a gente tem que valorizar mesmo. (Entrevista oral realizada com José Reginaldo Ferreira de Moura em 09 de setembro de 2016).

As estratégias de defesa por meio das ações da Associação Cultural Chapada dos Negros são formas de resistência que no seu universo simbólico buscam preservar heranças de suas ancestralidades. A estratégia também caracteriza como parte da memória arraiana, atendendo ao que Haesbaert (2006) e Little (2002) consideram como dimensão simbólica, especificamente de memória do grupo afrodescendente da cidade.

Podemos compreender, a partir de Fonseca (2009), que muitos tombamentos são obtidos por grupos vinculados aos movimentos negros por meio de resistências e lutas políticas. Principalmente os tombamentos de bens representativos da presença negra no Brasil. O Grupo de capoeira Associação Cultural Chapada dos Negros e o movimento de patrimonialização lembram da Chapada como lugar de memórias afrodescendente.

A proposta de iniciar projetos de mineração na serra próximo à Chapada dos Negros levou outros atores a perceberem na patrimonialização uma forma de defender a Chapada. Moradores, professores, a prefeitura do município representada pela secretaria de cultura de Arraias se mobilizaram. Eles argumentam que o patrimônio tornou alvo de ameaças com essas empresas mineradoras, ou mesmo através da intenção do proprietário da Fazenda Guanabara em minerar a região. Algo que foi considerado fundamental, ainda, foi o fato de que a nascente do Córrego Rico responsável pelo abastecimento da água na cidade se localizar na mesma serra que a Chapada.

À dimensão simbólica do território foi articulada a dimensão ambiental. Como enfrentamento àquelas propostas de iniciar a mineração da serra da Chapada dos Negros, os moradores se sentiram ameaçados e se sentiram obrigados a elaborar estratégias de defesa territorial para proteger o patrimônio histórico e cultural ameaçado por esses atos. A patrimonialização, como defendemos, se articulou à defesa territorial. A defesa da memória e da água se articularam em uma luta só.

Joaquim Ribeiro dos Santos, morador da cidade de Arraias, conta o motivo da importância de preservação do local:

Ali...ali representa a história do que o povo fizeram né, naquele tempo que eu trabaíava, porque lá o ouro foi nu tempo que eles tirou anuncê... é ficou a história da chapada dos negro né (...)ali é uma coisa...é uma história do começo de Arraias, que Arraias foi começada pela chapada dos negro, então... si ali o povo preservar pra toda vida pra mim é bom né, agora eles

tão acabando com aqueles serviço lá e num pode. (Entrevista oral realizada com Joaquim Ribeiro dos Santos em 20 de julho de 2016).

Dessa forma, a patrimonialização concebida como o conhecimento de um bem com valor e importância de patrimônio, seja material ou imaterial, que por meio do estudo específico visa salvaguarda, preservação e divulgação do mesmo, foi articulada politicamente aos interesses políticos locais. A patrimonialização objetiva “fomentar o desenvolvimento através da valorização, revitalização de uma determinada cultura e do seu patrimônio cultural” (SILVA, 2011, p. 109), mas também proíbe atividades que possam levar a destruição ou danificação de bens patrimonializados. Talvez essa última dimensão da patrimonialização tenha sido aquela que foi instrumentalizada politicamente na defesa da Chapada dos Negros e do Córrego Rico. Proibindo-se a exploração mineral em um, protege-se o outro, salvaguardando o abastecimento de água no município.

Na direção dessas estratégias, estavam os professores da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Arraias, liderada pela professora Valdirene Gomes dos Santos de Jesus a qual elaborou um projeto de justificativa da necessidade de patrimonialização para sustentar as ações, que, mobilizados juntamente com os moradores, realizaram atos públicos em defesa da patrimonialização da Chapada. O principal ato público aconteceu no dia 19 de novembro de 2010 na praça pública localizada no centro histórico da cidade.

Neste ato, houve o lançamento de um abaixo-assinado para a constituição do Projeto de Lei de Iniciativa Popular. O documento teve por objetivo a criação da Unidade de Conservação “Chapada dos Negros: memória, história e paisagístico sociocultural e ambiental arraiano”. A justificativa do projeto girou em torno da consideração de que:

A referida região embora se constitua como um marco histórico no estado do Tocantins, ainda não tem quaisquer política pública de proteção e/ou manutenção das construções ali existentes, o que dificulta o cuidado e a não interveniência e ações danosas no local. O referido espaço também abriga a nascente do Córrego Rico, que se caracteriza como uma nascente de água que abastece toda a população de Arraias. Entendemos que quaisquer atividade ali desenvolvida que venha a pôr em risco as nascentes de água, bem as ruínas remanescentes das Comunidades Quilombolas devem ser coibidas efetivamente, pelos fortes e irreversíveis impactos que decorrem dessas ações. (JESUS, 2010, p. 03).

As estratégias desses atores visam obter políticas de preservação do bem com o objetivo principal de promover o tombamento a nível federal do local como patrimônio histórico e cultural. O “tombamento é um atributo que se dá ao bem cultural escolhido e separado dos demais, para que à ele fique assegurada a garantia da perpetuação, da memória” (LEMOS, 2006, p. 85).

De acordo com Tuan (2013), lugares muito queridos não são necessariamente visíveis, quer para nós mesmos, quer para os outros. Os lugares podem se fazer visíveis por inúmeros meios: rivalidade ou conflito com outros lugares, proeminência visual e o poder evocativo da arte, arquitetura, cerimônias e ritos. A Chapada dos Negros se tornou visível devido à articulação de um conjunto de interesses e de atores, desde a memória dos grupos afrodescendentes até aqueles que defendem o meio-ambiente local. Articulados, esses interesses e atores elaboraram estratégias de defesa territorial, sendo a patrimonialização a principal delas.

A mobilização conseguiu que o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacio-

nal – IPHAN abrisse expediente e começasse os trâmites de patrimonialização da Chapada dos Negros, a realização de um parecer técnico fruto de trabalho do órgão. Referente ao sítio da Chapada dos Negros, acionado pela mobilização dos moradores a que nos referimos, o IPHAN realizou uma vistoria arqueológica no sítio, no município de Arraias – TO, pelo arqueólogo da Divisão Técnica da Superintendência do IPHAN no Tocantins em 17 de julho de 2014. Dessa vistoria o órgão elaborou um Parecer Técnico (2014).

O parecer trata dos aspectos históricos e arqueológicos do sítio com base em algumas informações produzidas até então e no resultado da vistoria. Para Fonseca (2009), “os pareceres técnicos avaliam as justificativas em termos de interesse, do ponto de vista da instituição, em preservar aquele bem e, quando é o caso, discutem os termos das impugnações aos tombamentos” (FONSECA, 2009, p. 187).

Dessa forma, o parecer técnico (IPHAN, 2014) afirma que “através da vistoria, das fontes documentais e do convívio com alguns arraianos, constatamos que o sítio Chapada dos Negros é, realmente, um bem de inegáveis valores histórico, arqueológico, arquitetônico, afetivo e pedagógico” (IPHAN, 2014, p. 10). Os locais onde se encontram vestígios positivos de ocupação e atividade humana como grutas, lapas e abrigos sob-rocha são considerados sítio arqueológico.

A vistoria mostrou para o arqueólogo a necessidade de um estudo arqueológico e de um trabalho de escavação no local para que possa ter clareza diante do que seria cada edificação. Instado pelo temor dos moradores com a chegada das empresas mineradoras no município, o IPHAN advertiu que é preciso que sejam tomadas as medidas cabíveis para evitar a destruição desse patrimônio cultural, um bem de União protegido pela Lei Federal nº 3924/1961 (BRASIL, 1961).

A vistoria arqueológica, assim, reforçou, por um lado, a demanda dos moradores, mas, por outro, questiona a memória local, se impondo como saber autorizado sobre como conhecer os vestígios materiais do passado, e nesse sentido, acaba por criar uma situação ambivalente. Por um lado, reforça a demanda, mas por outro desloca a memória social de seu lugar de significar o espaço como lugar.

Por outro lado, o exercício da memória é um dos fatores que possibilita um povo a entender a sua comunidade, e a partir do local onde se vive possa construir a sua identidade, pois, uma vez que se identifica com o local, o indivíduo passa a contribuir para o desenvolvimento da comunidade e criando raízes. A patrimonialização, assim, pode levar a uma resignificação da Chapada, “sequestrando-a” da memória popular e tornando-o parte de uma memória oficial nacional. A disputa pelo poder de dizer que vemos na figura do arqueólogo mostra esse confronto entre saberes.

Nesse sentido, quando chega à ameaça representada pelas propostas de mineração, que agravaria a questão ambiental na cidade, rapidamente se organiza um movimento, e escolhe a via da luta pela patrimonialização como estratégia de defesa do território – como ambiente - e o território como memórias (o lugar do garimpo), deixando clara a conexão entre as diferentes dimensões do território.

O processo em trâmite no IPHAN atualmente a patrimonialização da Chapada dos Negros com os diversos atores continuam se mobilizando e aguardando. A luta pela patrimonialização da Chapada, assim, como para um possível tombamento do sítio arqueológico é talvez um sonho difícil de realizar para os moradores, por dois motivos: primeiro, pelo fato de, atualmente, o local pertencer à uma propriedade privada. E, segundo, porque, para o IPHAN, a memória e as narrativas orais dos moradores não são suficientes para a constatação de vestígios que comprovam a existência de um sítio arqueológico, sugerindo um estudo científico para a comprovação do patrimônio.

Considerações finais

Para concluir, compreende-se que a memória é construída socialmente. Por trás das ruínas da Chapada dos Negros vivem histórias que constituem a memória e a identidade afrobrasileira dos moradores de Arraias.

A Chapada dos Negros considerando os seus aspectos históricos e arqueológicos, consiste num Patrimônio Histórico e Cultural, que esporadicamente recebe visitas turísticas de pesquisadores e estudantes. Refletir sobre patrimônio é refletir sobre o tempo e suas passagens. As narrativas memoriais e patrimoniais narram os traços do passado estabelecendo laços entre o presente. As ruínas são testemunhos imediatos da memória e transportadora de sentidos. Com base na relação que os moradores adquirem com as ruínas da Chapada dos Negros e da memória que legitima a preservação em torno dela, vão surgindo significados e pertencimento ao lugar.

O caso da patrimonialização da Chapada dos Negros evidencia que os atores, dentro das lutas sociais, mobilizam diferentes estratégias na defesa de seus direitos territoriais seja em sua dimensão ambiental quanto em sua simbólica. A tentativa de tombamento do lugar por meio das estratégias de defesa territorial nos leva a entender a preocupação dos moradores em legitimar a memória, e a patrimonialização antes que se perda parte dos bens culturais com a ausência de política pública de preservação.

Para isso, é fundamental que o lugar receba uma atenção dos arraianos, do poder público e o desenvolvimento de projetos que tratam da conscientização da memória e do patrimônio histórico e cultural da cidade, palestras em escolas que conscientizem os jovens.

Por fim, conhecer e preservar o lugar e a sua história pode ser mais rico do que o ouro que existiu há tempos e que muitos aventureiros ainda buscam até hoje. O local preservado pode transformar em um ponto de atração turística, atrair visitas de pesquisadores e subsidiar a outras pesquisas futuras.

Referências

ANDERSON, Benedict R. Memória e esquecimento. In: _____. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. **Escravidão negra no Tocantins colonial: vivências escravistas em Arraias (1739-1800)**. 2ª ed. Goiânia: Kelps, 2007.

_____. **Os Akroá e outros povos indígenas nas Fronteiras do Sertão: políticas indígena e indigenista no norte da capitania de Goiás - Século XVIII**. Goiânia: Kelps, 2006.

BRASIL, Presidência da República Casa Civil. **Lei nº 3.924/1961**. Brasília: 1961.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. 4ª ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

COSTA, Magda Suely Pereira. **Educação e Cultura de Arraias**. Palmas: Secretaria de Comunicação (SECOM), 2004.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. 3. ed. Rev. Ampl. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do "Fim dos Territórios" à Multiterritorialidade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=170240&search=tocantins|arraias>>. Acesso em: set. 2016.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Superintendência em Tocantins. **Vistoria arqueológica ao sítio Chapada dos Negros, no município de Arraias, TO.** Parecer técnico nº 78/14. 2014.

JESUS, Valdirene Gomes dos Santos de. **Justificativa para o tombamento da Chapada dos Negros em Arraias- TO.** 2010.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico.** São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos).

LITTLE, Paul E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. **Série Antropologia.** N°. 322. Brasília: Departamento de Antropologia. 2002.

MORAES, Irislane Pereira de. **Do tempo dos Pretos d'antes aos povos do Aproaga:** patrimônio arqueológico e territorialidade quilombola no vale do rio Capim (PA). Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFPA, Belém, 2012. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dissertacao_Do%20tempo%20dos%20Pretos%20d%C2%B4antes%20aos%20Povos%20do%20Aproaga.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2019.

NOLASCO, R. Genilson. Introdução: a faces do patrimônio cultural. In: PEDREIRA, Antonia Custódia (org.). **As diferentes faces e interfaces do patrimônio:** registros para preservação e memória. Palmas: Editora UNITINS, 2013.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Revista de Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, 1992, p. 200-212. Disponibilidade em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>. Acesso em: 06 jun. 2019.

SILVA, Sandra Siqueira da. A patrimonialização da cultura como forma de desenvolvimento: considerações sobre as teorias do desenvolvimento e o patrimônio cultural. **Revista Aurora.** Montes Claros –MG, n 7. 2011. Disponibilidade em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/aurora/article/view/1248>>. Acesso em: 06 jun. 2019.

TESKE, Wolfgang. **Chapada dos Negros, Arraias – TO. Encantos, lembranças e ameaças.** 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WjEtENDBjlw>>. Acesso em: 06 jun. 2019.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

Recebido em 9 de junho de 2019.
Aceito em 4 de setembro de 2019.